



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 41 - junho 2017
PEDRO DA SILVEIRA

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

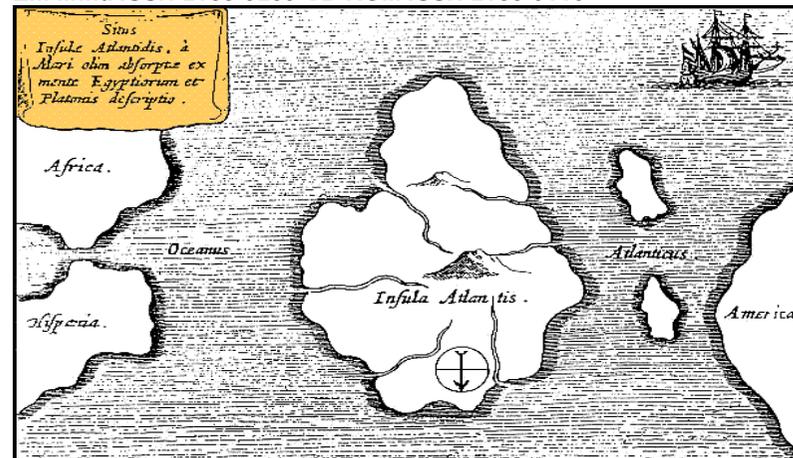


© TM ®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até pelos próprios autores.

Hoje este Suplemento # 41 é dedicado a PEDRO DA SILVEIRA

Urbano Bettencourt CIERL-UMa e CEHu-UAc

Pedro da Silveira – as ilhas da (sua) literatura

O primeiro livro de poesia de Pedro da Silveira trazia um título temático, isto é, que deixava já informações sobre o seu conteúdo. Com efeito, *A Ilha e o Mundo* organizava-se em torno dessa polaridade e sob uma notória dimensão histórica em que ao presente e ao passado da ilha se contrapunha, no final, a expectativa, a esperança, de um futuro mais condizente com a condição humana insular.

A *ilha* era, em primeiro lugar, a das Flores, representado em termos de uma forte expressão referencial: o quotidiano dos 40 do século XX, um espaço cercado e distante de tudo, gentes entregues ao seu pasmo e à dureza da vida, alimentando o sonho de viagens não raras vezes irrealizadas, refazendo-se nos objetos da sua cultura e na memória verbalizada da dispersão pelo mundo, onde rasgaram caminhos no oeste americano e saciaram a «fome de pão e de distâncias» (Silveira, 1952: 48).

Em segundo lugar, a *ilha* era também a parte do todo-arquipélago, assim configurado à escala, naquilo que fora uma história de meio milénio entre a Europa e as Américas (do Sul e do Norte), nas quais os açorianos sempre procuraram a solução para os seus problemas sociais.

Com o tempo, a dicotomia *ilha-mundo* tornar-se-ia um conceito operatório na abordagem da literatura açoriana, ao permitir analisar os seus objetos (ou seja, os seus textos) em termos de uma tensão entre interior e exterior (como venho fazendo desde os anos 70), desdobrável em polaridades semânticas diversas, a mais incisiva das quais talvez seja a de José Martins Garcia ao ocupar-se da poesia de Roberto de Mesquita e recobrir a antítese *ilha-mundo* com a metáfora *cárcere-infinito*.

Tudo isto para dizer como, desde o início, a ilha constituiu um motivo de relevo na poesia de Pedro da Silveira, ganhando ao longo do tempo diferentes valências, associadas a diferentes posicionamentos e perspetivas do sujeito poético.

O seu segundo livro de poemas, *Sinais de Oeste* (1962)¹ abre com duas epígrafes: uma de José Blanc de Portugal:

Pássaro triste das ilhas derradeiras
a terra velha ainda te sorri.

Parva Naturalia

e outra do poeta brasileiro Afonso Félix de Sousa:

Agora voltas – de onde? Agora sabes que é preciso silêncio para
que mais te sintas o exilado. Praia espessa do espanto. Ilhas, ó

¹ Para citações e referências, indicarei o número de página respeitante à edição em Pedro da Silveira, *Fui ao mar buscar laranjas*.

ilhas longes, impalpáveis! Quereis corrê-lo, o verde país de ontem,
onde a criança que foste ainda brinca.

E é tarde para o retorno. Força é acordares no estrangeiro que,
pálido, acorda no teu íntimo.

Do Sono e da Esfinge
(Silveira, 1999b: 97)

Em conjunto, e na sua dupla função de indiciadoras de afinidades autorais e de propiciadoras de leituras, as duas inscrições inventariam alguns motivos e temas que atravessam a poesia de Pedro da Silveira, as ilhas, mas já despidas de alguma referencialidade imediata e investidas de «símbolos da intimidade» (Tomé, 1987: 57), situadas algures num espaço-tempo (das origens e da infância) a que apenas a rememoração permite regressar: são ilhas *perdidas*, porque ficaram na distância e atestam igualmente a *perdição* do sujeito, a sua dispersão pelo mundo.

Neste contexto, o que as epígrafes inscrevem ainda como introdução à leitura é o tema da viagem e da errância, que traduz simultaneamente o sentido da Busca e da (auto)Descoberta, com a inevitável passagem do tempo e a transformação do sujeito poético, outrando-o e tornando-o desconhecido de si mesmo, sem se reconhecer já na ilha de origem, intimamente exilado dela (ou mesmo nela), imaginando-a já apenas como «o verde chão da ausência lá no Oeste» (Silveira: 1999a: 206).

O último livro de Pedro da Silveira acentuará expressivamente este motivo do afastamento e do longe, desde logo no título, *Poemas Ausentes*, e depois nalguns textos em que o regresso «efetivo» terá como resultado mais relevante a constatação de que se pertence já a um outro espaço ou, no limite,

a nenhum: «um gato espreita-me / estrangeiro que lhe sou em minha casa» (Silveira, 1999a: 56).

Se as duas epígrafes inscrevem no seu texto a existência implícita do mar, é, todavia, no poema inaugural de *Sinais de Oeste* que ele se institui como objeto explícito do discurso, numa «Arte Poética» mais focada nos conteúdos, na delimitação de um campo temático, do que na arquitetura do poema, nos modos e procedimentos da sua construção: «O meu desejo abarca todas as ilhas do Mar.» (Silveira, 1999b: 101)

Em vez da expressão melancólica de uma «ilha íntima», objeto da memória e de perda, o que a «Arte Poética» afirma, num tom mais eufórico, é a positividade concreta da ilha, a sua materialidade, em contraste já com o espaço do(s) continente(s): à rotina e à mesmidade associadas às grandes extensões sólidas e inamovíveis, o poeta contrapõe a fluidez dos horizontes marítimos e a pequena dimensão dos territórios insulares.

Não sei até que ponto a proposta de Pedro da Silveira atestará a leitura de *Corsário das Ilhas*, de Vitorino Nemésio, publicado em 1956. Sabe-se como a obra de Nemésio contribuiu para a consciência literária da geração açoriana de 1940 e o próprio Pedro da Silveira deixou vários depoimentos escritos sobre o assunto (a que se poderão juntar outros, entre eles os de Eduíno de Jesus, por exemplo).

O livro de Nemésio prestava-se a essa apropriação, com as suas avulsas e insistentes descrições sobre o modo de ser açoriano, com as anotações, ora empíricas, ora simbólicas, acerca da realidade anímica e histórica daquilo que 20 anos antes definira como *açorianidade*. Mas um

fragmento de *Corsário das Ilhas*, em particular, parece-me justificar essa aproximação entre Nemésio e Silveira:

Um continente é uma coisa muito grande e incerta para mim. A ilha é mais curta. Sai melhor das águas. De longe parece um pão. Ao perto é que é: uma rocha com casas; gente dentro. (Nemésio, 1983: 90)

Esta dimensão da ilha, mais à medida humana, associa-se a um motivo fundamental na poesia de Pedro da Silveira, o horizonte, nas suas múltiplas valências («horizonte verdadeiro é o d'água e céu», (Silveira, 1999b: 101) e necessariamente associa o Mar ao convite à *viagem*, às viagens, como desafio e *prova*, caminho aberto à aventura e ao risco, à ultrapassagem dos próprios medos e constrangimentos. Escreve Silveira, a rematar a sua «Arte Poética»:

Fiquem os restelos para secos e pecos
que tiveram medo da navegação.
A mim, o Mar!

(1999b: 102)

Uma leitura orientada em sentido diferente permitiria avançar para os valores simbólicos de que o Mar aparece investido na poesia de Pedro da Silveira (presença íntima perene, berço inicial e lugar de repouso último); o que importa assinalar agora neste poema é a instauração de uma *poética da viagem*, de uma errância marítima em que as ilhas constituem «sobressaltos» (vocábulo do próprio poeta) capazes de concitar a atenção do sujeito e de proporcionar-lhe momentos de descoberta do *diferente* no *mesmo* da ilha.

E na verdade, *Sinais de Oeste* confirma essa proposição inicial da viagem, da errância, desde logo no longo poema intitulado «Saudação a Blaise Cendrars», que articula a leitura do poeta suíço («Mestre das Descobertas Impossíveis») com a realidade pessoal e histórica do açoriano, cruzando referências e tornando-as familiares umas às outras.

E a sequência «Diário de Bordo» constitui uma concretização dessa poética, ao refazer a viagem de barco entre as Flores e Lisboa, no seu percurso por ilha tocadas ou simplesmente costeadas (à distância, portanto), em todo o caso erguidas do mar como paisagem, mas sobretudo como espaço humanizado, marcado histórica e culturalmente (a sequência inclui o notável poema «Horta: Quase Requiem», evocação melancólica de uma cidade outrora dinâmica e aberta ao mundo).

E mesmo a restante obra de Pedro da Silveira será pontuada pela configuração poética de ilhas empíricas, visitadas literariamente ou então avistadas de longe, mas tornadas próximas pelo olhar do poeta, pelo traço cultural que as torna íntimas e lhe permite apropriar-se delas. Um exemplo poderá ser o «Aeropoema de Tenerife» (colhido num conjunto sintomaticamente intitulado «Ilhas avistadas»), em que a sequência de traços físicos é suspensa para inscrever nos dois versos finais o aquilo que escapa ao sujeito lírico (um conhecimento sobre a ilha), redimido, afinal, pela referência a um elemento cultural, o gofe (aqui trazido transversalmente, pois o poeta utiliza um termo da ilha açoriana de Santa Maria para substituir, evocando-o, o nome canário «gofio»):

Alturas de Tenerife
ainda há pouco avistadas,

cinzento, roxo, castanho...
 Agora só tenho, azul,
 o mar franzido, lá em baixo.
 Sei que era Tenerife.
 De Tenerife não sei
 nem do seu gofe provei.

(Silveira, 1999a: 31)

Nem sempre o Mar assumiu na poesia de Silveira essa dimensão de campo aberto e propício à descoberta, à aprendizagem e ao reconhecimento. Num poema de *A Ilha e o Mundo* encontramos o seguinte fragmento:

O mar...
 (você o disse, Jorge Barbosa)
 é hoje a nossa prisão sem grades.

(1952: 53)

É notória, por um lado, a mudança de registo para um tom negativo e disfórico e, por outro lado, a diferente voz que no texto se faz ouvir – uma voz plural em que a do poeta se integra, ou, dito de outra maneira, o poeta assumindo-se como o lugar de uma voz coletiva –, além de que a eventual viagem, a que o mar se opõe como obstáculo, não tem aqui um cunho individual, subjetivo, antes se reporta a um fenómeno histórico, o da emigração para Oeste.

Mas, neste contexto, interessa-me particularmente a interpelação do poeta cabo-verdiano Jorge Barbosa, por aquilo que a descoberta literária das suas ilhas por parte de Pedro da Silveira representou para o poeta açoriano e para os da sua geração, pelo menos para alguns e num determinado tempo.

Para isso é necessário recuar à década de 1940 e ao movimento de renovação literária (mas também cultural em sentido lato e ainda cívico) que se desenvolve em Ponta Delgada, principalmente em torno do jornal *A Ilha* e depois graças também à acção do Círculo Literário Antero de Quental, formado em 1946 por um grupo de jovens alunos do Liceu da cidade (Fernando Aires, Eduíno de Jesus, Jacinto Soares de Albergaria, Eduardo Vasconcelos Moniz, Fernando de Lima e a que se juntariam mais tarde Carlos Wallenstein, o Ruy-Guilherme de Moraes, Mário Barradas, Machado da Luz. (Aires, 2015: 654)

Em termos gerais, pode afirmar-se que aquilo que aí se desenvolve é um movimento pela implantação do modernismo num meio literário ainda marcado pela sobrevivência de um romantismo (muito) tardio, de “boninas nos prados e céu azul” (Silveira, 1945: 1) a que se juntavam as “loas patrioteiras” e o folclorismo paisagístico, no género daquilo a que, anos antes e com uma boa dose de ironia, Vitorino Nemésio chamara os “hinos à terra no estilo das caravelas e das cruces de Cristo dos cinzeiros” (Nemésio, 2019: 88).

Numa entrevista concedida a Álvaro Oliveira e publicada no Suplemento «Quarto Crescente», Eduíno de Jesus aprofundava e explicitava os dados sobre a situação literária açoriana nos anos quarenta, bem como os propósitos do grupo a que pertencia:

Os nossos objetivos eram, por um lado, acabar com o ostracismo a que estavam votadas nos Açores a literatura e as artes modernas, não obstante o prestígio que tinham nas letras (por se ignorar ou fazendo-se por ignorar a sua obra «modernista») autores como Armando Côrtes-Rodrigues e Vitorino Nemésio e o

contributo dado à modernidade no campo das artes plásticas por Canto da Maia, Domingos Rebelo, Albuquerque Bettencourt, António Dacosta, e, por outro lado, encontrar, pela teoria e na prática a identidade (se a tinha) de uma literatura propriamente açoriana, seguindo o exemplo de Cabo Verde e na pegada de Roberto de Mesquita, Vitorino Nemésio, etc.

Não foi fácil. Naquele tempo, a palavra «Modernismo», nos Açores, ainda cheirava a enxofre e pronunciá-la era como anunciar a 8.ª praga do Egito, e quanto a ideias «nativistas», mesmo só no âmbito da Literatura, sustentá-las era concitar a suspeição de antipatriotismo, um pouco como hoje, é certo, mas com a agravante de que, naquela altura, se indistinguiam os conceitos de «pátria» e «Estado Novo», do que resultava as ideias «nativistas» serem tidas por abjurantes do tabelião «repúdio do comunismo e de todas as ideias subversivas. (Jesus, 1987: 3)

O final do fragmento dá conta das condições em que se desenvolveu o esforço de implantação dos modernismos em Ponta Delgada, num contexto cultural e político em que o «inconformismo estético» era encarado como uma ameaça à ordem social e pública (Jesus, MMIX: 89). Mas importa ver o relevo conferido ao modernismo cabo-verdiano, ao lado do português. A estes deve acrescentar-se o modernismo brasileiro da Semana de Arte de 1922 como um dos modelos mais presentes no horizonte do grupo.

A vertente cabo-verdiana deve muito ao empenhamento de Pedro da Silveira, que desde 1945 vinha publicando n' *A Ilha* textos de escritores daquele

arquipélago, paralelamente a recensões críticas e documentos de natureza diversa.

A «descoberta literária» de Cabo Verde por parte de Pedro da Silveira faz-se, em primeiro lugar, através de Jorge Barbosa e do seu livro *Ambiente* (1941), mas não é dissociável do seu conhecimento da realidade social, geográfica e histórica daquele arquipélago africano. Pedro da Silveira detetava a existência de afinidades entre os Açores e Cabo Verde, até mesmo nas condições históricas que, nos séculos XVIII e XIX, levaram açorianos e cabo-verdianos a encontrar-se a bordo das baleeiras americanas.

Aquilo que mais chamava a atenção do poeta açoriano era o modo como os poetas de Cabo Verde davam a «lição» de uma escrita fiel ao seu tempo e ao seu lugar, ao drama do homem no seu contexto concreto e específico, exemplo tão mais significativo quanto é certo que a renovação operada pelos escritores da *Claridade* se processara num espaço físico em que, à primeira vista, as condições materiais para a sua realização não seriam as mais adequadas. No caso particular do livro de Jorge Barbosa, a sua novidade estava, para Pedro da Silveira, em «retratar a miséria e o abandono dum arquipélago também ele atlântico, que, pondo de parte certos aspetos ligados com o ser crioulo, parecia ser o próprio espelho da realidade açoriana» e das suas condições sociais naquela década de quarenta, como confessaria mais tarde a António Cândido Franco (Franco, 1996:111).

Daí, portanto, o seu empenhamento em divulgar a nova literatura de Cabo Verde e em trazer para as páginas d' *A Ilha* os próprios autores, propondo-os como exemplo aos escritores açorianos.

Para esta tarefa de divulgação da nova literatura cabo-verdiana, Pedro da Silveira encontrou um aliado fundamental em João de Deus Lopes da Silva, irmão do escritor Baltasar Lopes e comandante da marinha mercante, que nesses anos desempenhou um papel importante na ligação entre os dois arquipélagos, e a quem o próprio Pedro da Silveira entrevistou para *A Ilha* (02/02/1946).

O Comandante Lopes da Silva trouxe para as páginas do jornal os novos autores das suas ilhas, cujos textos, em conjunto com os de Pedro da Silveira e de outros, asseguraram a presença cabo-verdiana durante uma década, aproximadamente (1945-1954): aí encontraremos nomes como os de Manuel Lopes, António Nunes, Pedro Corsino de Azevedo, Aguinaldo Brito Fonseca, Carlos Alberto Monteiro Leite, Gabriel Mariano, entre outros; e até o próprio Amílcar Cabral surgiu nas páginas d'*A Ilha* (22/06/1946), com um poema intitulado precisamente "Ilha".

Da cumplicidade entre o Comandante Lopes da Silva e o grupo de jovens açorianos dá ainda testemunho o facto, referido por Eduíno de Jesus, de o seu navio se tornar local de tertúlia literária de cada vez que aportava a Ponta Delgada, aí reunindo os jovens intelectuais da cidade.

E foi ainda o próprio Comandante Lopes da Silva quem pôs Pedro da Silveira em contacto com o escritor Manuel Lopes, por essa altura a residir na Horta, onde trabalhou na *Western Telegraph* de 1944 a 1955. Apesar das publicamente confessadas dificuldades de adaptação, esses onze anos não deixaram de ser produtivos para Manuel Lopes, e os Açores ficaram a dever-lhe uma intervenção cultural que é também o sinal de uma integração na sociedade açoriana, e na faialense em particular.

Em termos meramente textuais, o rasto da literatura cabo-verdiana é detetável sobretudo em *A Ilha e o Mundo*, no diálogo notório que a sua poesia estabelece com Jorge Barbosa, Manuel Lopes, António Nunes, numa determinada perceção do mundo insular e na correspondente discursividade mais adequada à sua representação: o mundo abreviado e cercado da ilha, longe de tudo, os pequenos acontecimentos de um universo claustrofóbico e monótono, com personagens «encharcadas de solidão», o drama de um quotidiano suspenso do vapor e dos imprevistos da natureza. Tudo isso através de um forte prosaísmo, do recurso à enumeração e à acumulação nominal como forma de representar a totalidade de uma vida estática, atomizada e sem nexos. De resto, estes traços gerais estão devidamente explicitados numa entrevista de Pedro da Silveira concedida a Álvaro Oliveira:

O meu primeiro mestre de modernidade e, vá lá, de açorianidade também, foi Jorge Barbosa, com o *Ambiente*. A realidade que ele transmitia, de um Cabo Verde miserável em que as pessoas olhavam o mar como um caminho a transpor, de salvação, tinha muito a ver com a nossa nos anos de 1930-1940.

Pelo menos em mim, Nemésio não foi, como poeta, uma influência. Ou limitou-se a *dizer-me* que um poeta ou prosador açoriano deve ser isso mesmo e não uma caricatura de lisboeta ou parisiense. Resumindo, Nemésio foi a teoria, Jorge Barbosa (para mim, naquele tempo) o modelo imediatamente aceitável. (Silveira, 1987: 4)

Quanto ao terceiro vértice da renovação literária desses tempos, a literatura brasileira, ao impacto da sua revelação sobre os jovens dos anos 40, e mesmo quanto aos processos da sua descoberta, ficam-nos alguns depoimentos elucidativos que reenviam simultaneamente a uma experiência pessoal e ao contexto social. Ainda aqui é preciso referir o papel mediador de Cabo Verde, como escreve Pedro da Silveira:

Dos brasileiros das gerações de 22 e de 30, o que conhecemos devemos-lo primeiro a João de Deus Lopes da Silva: eu também a Manuel Lopes, que me mandava para as Flores do que tinha. Mário de Andrade, José Américo de Almeida (*A Bagaceira*), Lins do Rego, Graciliano, Marques Rebelo, Raquel de Queiroz, Ciro dos Anjos, Lúcio Cardoso, eis alguns dos prosadores. E, dos poetas, lembro-me que andaram de mão em mão obras de Bandeira, Jorge de Lima, Raul Bopp, Carlos Drummond de Andrade. (1986: 41)

E numa carta que me enviou em 29.11.1996, com elementos de natureza autobiográfica literária, referia-se às suas experiências poéticas do início dos anos 40, traduzidas em

«sonetos, sonetinhos, sonetões – uma prática, herdada da rotina local, de que me livrou ter lido um livro precisamente de sonetos, *A Rua dos Cataventos*, do brasileiro do Rio Grande do Sul, Mário Quintana. Apareceu, uma edição da Globo, à venda na Livraria Andrade, comprei-o, salvo erro, por 5 escudos, e, lido, rasguei tudo quanto já tinha feito.»

A fechar, ainda um depoimento de Eduíno de Jesus, em mensagem eletrónica (27/01/2006) que acaba também por confirmar aspetos do seu depoimento anterior:

Manuel Bandeira é ainda hoje o "meu" poeta da saudade (a minha grande saudade!) da tertúlia do Bar Jade. Vocês, os rapazes de hoje, não podem ler os "modernistas" do 1º Modernismo português, o de 1915-17, ou do modernismo brasileiro da Semana de Arte Moderna de 22, com a mesma emoção que nós, os rapazes de há 60 anos. Vocês já nasceram "modernos", não há extravagância estética que não seja familiar a vocês.

Mas nós tínhamos nascido românticos (podíamos admitir no máximo as ousadias realistas de um Cesário Verde), quando, de repente, descobrimos Pessoa e o seu entourage paúlco-interseccionista-sensacionista/futurista. Foi o delírio! Os brasileiros vieram logo a seguir. Ler Bandeira em voz alta no Bar Jade e "gozar" o arpejo que isso fazia o auditório bufar, remexer-se nas cadeiras ou pagar a conta e ir bocejar para outro lado, era um prazer malévolos nosso que jamais foi possível sentir de novo depois desse tempo passado.

Uma leitura dos acontecimentos desses anos de 1940, feita com o apoio suplementar do testemunho direto de alguns dos seus agentes, permite verificar como uma série de acasos (e um sentido de oportunidade e curiosidade que soube tirar partido deles) contribuiu decisivamente para a transformação literária de um espaço insular remoto, como Ponta Delgada era então. O contacto de Pedro da Silveira com os escritores cabo-verdianos é o exemplo de um modo de atenção ao exterior e ao diferente, a capacidade de interpretar devidamente

outros sistemas e de estabelecer intercâmbios frutíferos com outros universos insulares.

A dialética entre a ilha e o mundo, entre interior e exterior, traduziu-se, no caso concreto, na constatação de como uma realidade cultural em certos aspetos diferente da açoriana poderia contribuir para uma reflexão sobre o caso açoriano, tornando-se mesmo um modelo a seguir; essa dialética significa, em último lugar, ter os pés no chão e os olhos no mundo, como *forma de atenção*, descoberta e posterior transformação, num jogo em que é possível aceder «à globalidade inacessível do caos-mundo, e ao mesmo tempo destacar dele algum pormenor e, em particular, cantar o nosso lugar, insondável e irreversível», para citar aqui (Édouard Glissant (1977: 22. *Tradução minha*).

No caso de Pedro da Silveira e da sua geração, o «pormenor destacado» foi o representado pelas literaturas brasileira e cabo-verdiana, por serem aquelas que melhor se adequavam às necessidades de expressão literária do seu tempo. Não será de modo algum despiciendo verificar como o trânsito da literatura brasileira, que tanto «deslumbrou» os *claridosos*, chegou aos Açores principalmente por via insular, configurando com isso um campo que, ainda mesmo sem nome definido, podia ser designado por lusofonia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIRES, FERNANDO (2015), *Era uma vez o tempo. Diário*. Guimarães: Opera Omnia.
- FRANCO, António Cândido (1996), *Exercício sobre o Imaginário Cabo-Verdiano*. Évora: Editorial Pendor.
- GLISSANT, Edouard (1997), *Traité du Tout-Monde*. Paris: Gallimard.
- JESUS, Eduíno de (1987), «Eduíno de Jesus em discurso direto: – Naquele tempo, a palavra “modernismo”, nos Açores, cheirava a enxofre e pronunciá-la era anunciar a 8.^a

praga do Egito». Entrevista concedida a Álvaro Oliveira, suplemento «Quarto Crescente», jornal *A União*, 6 de fevereiro, pp. 3-4.

_____ (MMIX), «O inconformismo estético considerado ameaçador», in Mário Mesquita (org.), *A oposição ao salazarismo em São Miguel e em outras ilhas açorianas (1950-1974)*. Lisboa: Tinta-da-China, pp. 87-90.

NEMÉSIO, Vitorino (²1983), *Corsário das Ilhas*. Amadora: Livraria Bertrand.

_____ (²1995), *Sob os signos de agora*. Obras Completas, vol. XIII. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

SILVEIRA, Pedro da (1945), «Nota de Leitura – Os *Poemas de Longe* de António Nunes», jornal *A Ilha*, 3 de novembro, pp. 1-2.

_____ (1952), *A Ilha e o Mundo*. Lisboa: Centro Bibliográfico.

_____ (1962), *Sinais de Oeste*. Coimbra: Vértice.

_____ (1986), «Aqueles anos de 1940 e tal», in Onésimo Teotónio Almeida (org.) *Da Literatura Açoriana – subsídios para um balanço*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, pp. 31-42.

_____ (1987), «Pedro da Silveira: – Às vezes fui intempestivo no que escrevi, mas não estou arrependido». Entrevista concedida a Álvaro Oliveira, suplemento «Quarto Crescente», jornal *A União*, 17 de julho, pp. 4-5.

_____ (1999a), *Poemas Ausentes*. Santarém: O Mirante.

_____ (1999b), *Fui ao mar buscar laranjas*. Obras de Pedro da Silveira /1.

Angra do Heroísmo: Direção Regional da Cultura. (Inclui *Primeira Voz*, *A Ilha e o Mundo* e *Sinais de Oeste*).

TOMÉ, Mário (1987), *LA ISLA: Utopía, Inconsciente y Aventura*. León: Universidad, Servicio de Publicaciones.



**CADERNOS DE
ESTUDOS
AÇORIANOS**
Suplemento # 41 - junho 2017
PEDRO DA SILVEIRA

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

Coordenador CHRYS CHRYSTELLO

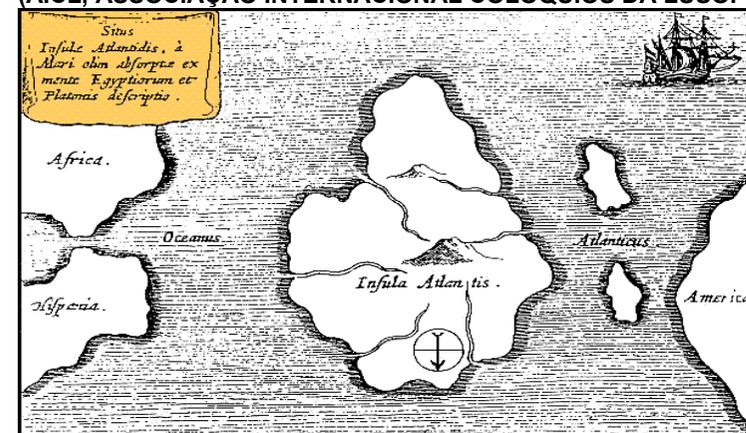
CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



© TM®

Editado por COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Hoje este Suplemento # 41 é dedicado a PEDRO DA SILVEIRA